

Apesar de Lula, agricultura recupera-se e tenta avançar

Síntese: País levou quatro anos para produzir novo recorde agrícola. Ao longo do primeiro mandato de Lula, agronegócio perdeu R\$ 24 bi de renda, cortou 23 mil empregos e viu crise espalhar-se numa área antes pujante. Agropecuária é hoje o segmento menos dinâmico da economia brasileira; foi o único a registrar queda no desempenho do PIB medido pelo IBGE no primeiro trimestre. Sinal do descaso dispensado pelo governo federal, apenas 1,4% do orçamento do Ministério da Agricultura para investimentos foi empenhado até agora.

O Brasil está terminando de colher este mês a maior safra agrícola de sua história. Serão 130,7 milhões de toneladas, a se confirmar a última previsão da Conab. É um número a ser comemorado. Mas, também neste caso, assim como se tornou comum no governo Lula, o país perdeu enorme terreno antes de, finalmente, conseguir lograr bons resultados. Se é realidade que o campo agora vai bem – principalmente graças aos patamares recordes das cotações internacionais das *commodities* – é mais verdadeiro ainda que o setor poderia estar muito melhor.

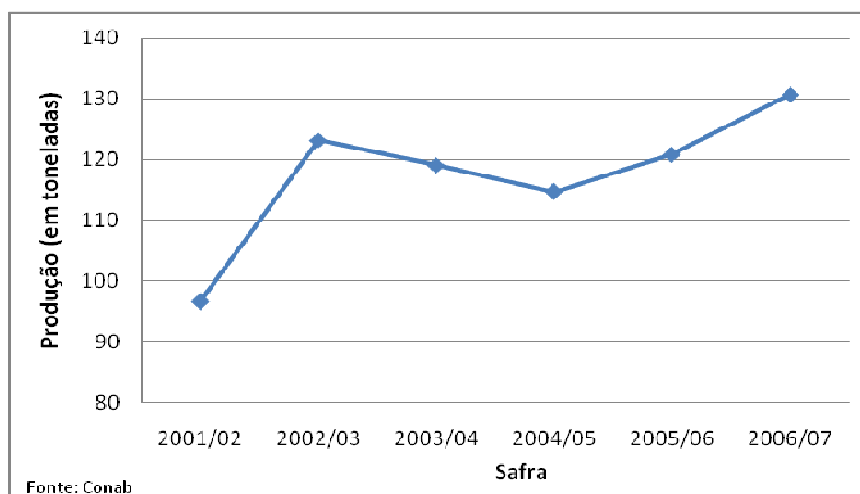
A análise do desempenho das quatro últimas safras indica que o país ressentir-se da ausência de uma política agrícola. Repete-se no campo o padrão vigente na economia como um todo: não houve avanços significativos nas ações que haviam sido postas em marcha na gestão tucana. No caso do agronegócio, foi pior, já que o setor, locomotiva da economia nacional até anos recentes, amargou uma crise que subtraiu R\$ 24 bilhões de seu PIB entre 2004 e 2006, conforme estima a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil). Isso representou retração de 4%, enquanto a economia brasileira como um todo avançava 7,8% no período.

Novos instrumentos de apoio à comercialização, opções de financiamento e seguro rural continuam sendo miragens. Ao invés de modernizar o campo, o governo Lula perdeu-se numa estéril discussão opondo agricultura familiar a produção empresarial, falso embate que a economia real repele e desautoriza. Em razão disso, a agropecuária tornou-se o setor econômico menos dinâmico do país: os números relativos ao PIB do primeiro trimestre deste ano mostram que o segmento recuou 2,4% em relação aos três meses anteriores; foi o único a apresentar queda nesta base de comparação.

Volta ao passado

Só agora, passados quatro anos, o país conseguirá superar a marca recorde alcançada na safra 2002/2003, a última plantada sob o governo Fernando Henrique. Desde as 123 milhões de toneladas colhidas naquele ano-safra, a curva fora declinante ou mantivera-se em patamar inferior ao legado pelos tucanos. Em casos específicos e importantes, como o do milho, a queda chegou a ser mais acentuada: na safra 2004/2005 o país produziu apenas 35 milhões de toneladas do grão, 26% menos que o pico histórico até então – anotado dois anos antes – e menor marca desde 2000. A produtividade média da lavoura de milho também desabou.

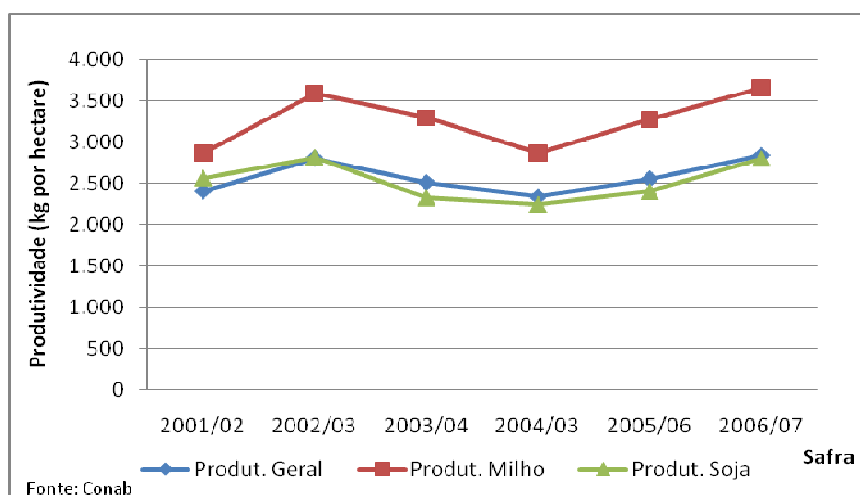
Produção agrícola (2001/2007)



A recuperação do campo só veio agora, no embalo da alta que as cotações das *commodities* agrícolas experimentam no mundo. A produtividade média das lavouras deve ficar em 2.836 quilos por hectare. É apenas 1,17% acima da marca obtida há quatro anos, depois de colhida a última semeadura da gestão tucana. Vale dizer que, entre a primeira e a última safra cultivadas no governo do PSDB, a média de produção por hectare das lavouras brasileiras cresceu nada menos que 41%.

No caso da soja nem o tímido avanço observado na produtividade média geral verificou-se: a média de produção por hectare neste ano-safra ainda ficará 0,2% abaixo da marca legada pelo governo Fernando Henrique. Além disso, com Lula, pela primeira vez desde 1997 a expansão das áreas agrícolas recuou: a extensão atual é 6% menor do que o pico verificado no ano-safra 2004/2005. Trata-se de comportamento atípico para um país que ainda tem 106 milhões de hectares inexplorados disponíveis para agricultura e em período em que a demanda mundial por alimentos é ascendente.

Produtividade – Geral e lavouras selecionadas (2001/2007)



Longa crise

Entre 2004 e 2006 o campo viveu uma crise aguda, impensável para um setor que desde o início da década despontava como principal indutor da economia brasileira. Hoje os produtores acumulam R\$ 20 bilhões em dívidas, segundo a CNA. Com menor disponibilidade de recursos, passaram a investir menos em inovação, modernização e defesa sanitária, como demonstram índices relativos ao uso de fertilizantes – com queda de 8% no consumo entre 2003 e 2006 – e à fabricação de implementos agrícolas.

A produção total de maquinário agrícola em 2006 – 46.069 unidades, segundo a Anfavea – retrocedeu 13% sobre o ano anterior, voltando a níveis de 2001. Segmentos específicos saíram-se pior. Tome-se o caso das colheitadeiras. Em 2000, o país produziu 4.296 delas. A curva foi ascendente até 2004, quando chegou a 10.443 unidades. Desde então, a produção despencou: foi de 4.229 colheitadeiras em 2005 e de 2.314 no ano passado – nível observado pela última vez em meados da década de 90. Na produção de tratores de rodas, a marca de 2006 – 35.586 unidades – assemelha-se à de seis anos atrás. Apenas este ano os negócios do setor de máquinas agrícolas estão voltando a exibir expansão.

A modernização do campo é uma marcha que remonta algumas há décadas, mas teve capítulos importantes na gestão tucana. Duas alavancas relevantes foram a criação do Moderfrota e os impulsos dados às atividades de pesquisa e inovação da Embrapa. Lançado em 2000, o programa do BNDES ajudou, com linhas de financiamento, a atualizar a agricultura brasileira. A série histórica do Moderfrota mostra que o ano de melhor desempenho foi 2002, quando os desembolsos atingiram R\$ 2,83 bilhões. Já no seguinte, o primeiro de Lula, a cifra caiu a R\$ 1,8 bilhão, com leves recuperações nos dois anos posteriores (R\$ 2,36 bilhões em 2004 e R\$ 1,9 bilhão em 2005). O ano passado foi o pior da série: desembolsos de apenas R\$ 1,3 bilhão.

Conseqüência direta da desaceleração do campo é a menor geração de emprego. Ainda segundo a CNA, o número de demissões no setor superou o de contratações em 10 mil em 2006. No ano anterior, o saldo já fora negativo em 13 mil. Vale registrar que, entre os segmentos que mais criam oportunidades de trabalho, seis pertencem ao agronegócio: de acordo com metodologia elaborada pelo BNDES, cada R\$ 10 milhões de aumento no faturamento da agropecuária é capaz de gerar 828 novos empregos.

Loteamento e descaso

Indicativo da desatenção que o governo Lula reserva ao setor agrícola é a demora exibida no preenchimento de cargos de comando no Ministério da Agricultura. Os principais secretários só foram conhecidos no decorrer de maio, passados mais de 120 dias da segunda posse do petista e 40 dias depois que o novo ministro, Reinhold Stephanes, fora nomeado. Os cargos mais vistosos foram retalhados em favor de partidos da coalizão governista, notadamente o PMDB.

Como o butim não foi suficiente para tantos comensais, Lula passou a amealhar outras jóias da coroa, como o Banco do Brasil. Uma das vice-presidências da instituição, a de Governo e Agronegócios, foi dividida para acomodar o ex-senador peemedebista Maguito Vilela e o ex-ministro Luís Carlos Guedes. Ainda resta preencher os comandos da Conab e da Ceagesp, além de importantes (menos para Lula) funções na Secretaria de Defesa Agropecuária. Apaniguados de olho nos cargos é o que não falta.

O descaso não é novo. Já cobrou seu preço, por exemplo, quando da eclosão de focos de aftosa ocorrida em 2005. Com os orçamentos da defesa sanitária animal garroteados – naquele ano o total pago representou apenas 35% do

autorizado e, até o início de junho de 2007, o mesmo indicador estava em meros 12,6% – o país viu mercados importantes, como Rússia e União Européia, se fecharem por longo período para suas exportações de carne.

A execução orçamentária do Ministério da Agricultura revela que, até agora, o total empenhado para investimentos representa apenas 1,4% do autorizado. Nota-se, portanto, que o governo Lula continua deixando o campo à mercê da própria sorte. Enquanto os ventos favoráveis do exterior continuarem a soprar, as perspectivas ainda são positivas. Qualquer reversão, porém, tende a jogar no limbo os esforços do setor que é responsável direto por garantir comida barata na mesa dos brasileiros.



Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela. Não reflete, necessariamente, a posição da instituição. Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).

Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . Cep 70165-900 . Brasília - DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br